

Museus, Objetos Etnográficos e Pesquisa Antropológica: um debate atual

Renato Athias^a

A Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira constitui-se em um valioso acervo do Museu do Estado de Pernambuco, de mais de 3.000 peças adquiridas entre os anos de 1908 a 1946 quando o pernambucano, advogado, poeta e folclorista Carlos Estevão de Oliveira encontrava-se na região Amazônica. A estratégia metodológica, na execução do projeto de preservação de objetos de coleções, está apoiada na concepção de que o museu faz parte de um ato de comunicação e de construção social e cultural, cujo acervo é composto por bens materiais e imateriais que expressam e traduzem o modo de vida socialmente apreendido de grupos humanos, abarcando seus valores, motivações, pensamentos e comportamentos. Este artigo procura debater a atualidade da pesquisa antropológica em acervos etnográficos em instituições museológicas com relação à documentação enquanto pesquisa para a elaboração e de exposições museográfica.

Coleções-Etnográficas; Museologia; Antropologia dos objetos; Exposições; Franz Boas; Otis Mason.

A antropologia e a museologia nesses anos todos têm sido marcadas pela aproximação, distanciamento, ruptura e mais recentemente pela reaproximação, portanto as questões apresentadas, neste texto¹, surgiram principalmente a partir das atividades relacionadas no desenvolvimento do projeto de pesquisa antropológico desenvolvido na

^a Professor do Departamento de Antropologia e Museologia e da Pós-Graduação em Antropologia (UFPE). E-mail: rathias@ufpe.br.

Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira (CECEO), acervo do Museu do Estado de Pernambuco. Pretende-se apresentar, neste artigo alguns elementos necessários para um debate no campo da pesquisa antropológica sobre os objetos, e, sobretudo, com relação à utilização de ferramentas tecnológicas nas estratégias de preservação, e acesso às informações etnográficas relacionadas aos objetos de coleções etnográficas, que fazem parte de acervos museológicos.

Os museus sempre foram lugares relacionados à pesquisa desde os seus primórdios. É importante salientar que, já em 1958, o etnólogo Claude Lévi-Strauss, assinalava os museus etnográficos e de antropologia como espaços singulares e privilegiados para a pesquisa antropológica, descrevendo-os como sendo um prolongamento do trabalho de campo, enfatizando ainda, como lugar de sensibilização e de treinamento de futuros etnólogos. Lévi-Strauss (1958:25) configurava esses espaços no contexto de uma pedagogia de laboratório, voltados não somente para a coleta e acondicionamento de material etnográfico, mas, sobretudo, como um espaço de estudos sistemáticos de sociedades tradicionais. É, portanto, nessa perspectiva, que esse texto, procura assinalar elementos para um debate mais aprofundado sobre as ferramentas tecnológicas, neste caso sobre o que estamos chamando de museu virtual e a relação desses espaços virtuais com os objetos etnográficos de um determinado acervo.

Muitas instituições buscam, atualmente, colocar seus acervos em plataformas digitais com a finalidade de tornar mais fácil a manipulação desses objetos, por um público maior e, sobretudo, ampliar as possibilidades de pesquisa e visibilização de acervos museológicos. Os acervos, catálogos digitais e os museus virtuais permitem que esses objetos possam vir a ser de interesse de estudos específicos. Cada vez mais as instituições museológicas estão se servindo dessas plataformas visuais para a criação de repositórios e coleções. O acesso geralmente é feito por uma população principalmente urbana, também com interesses muito específicos sobre o estudo desses objetos de coleções etnográficas. Muito pouco por povos indígenas, devido à ausência

de tecnologias de acesso remoto através de redes. Hoje, a Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira (CECEO) encontra-se completamente disposta em um arquivo informatizado, possibilitando um número significativo de recortes de pesquisa etnológica por um público variado.

Talvez as possibilidades tecnológicas, existentes hoje, sejam realmente novas no debate antropológico sobre os objetos etnográficos na pesquisa antropológica, mas a questão que nos interessa nesse debate é, de fato, bem mais antiga. Na verdade, vem desde o início do século passado. O que faz despertar essa discussão está relacionado com as interpretações realizadas por Stocking Jr. (1982) sobre a famosa e muito bem comentada controvérsia entre Franz Boas e Otis Mason, que debate sobre o tratamento que a antropologia dar aos objetos e a relevância para a pesquisa antropológica em museus.

Esse debate foi em torno das racionalidades, ou seja, das técnicas de classificação de objetos etnográficos, e que agora agregaria nesse mesmo debate as questões referentes às tecnologias de informação e sobre esse aspecto específico das ‘classificações’, ou seja, da hierarquização dos objetos em coleções ou por onde começar a organização e a contextualização de um acervo. Percebe-se hoje que esse campo, na verdade, é um espaço fronteiro entre outras áreas de conhecimento tais como Biblioteconomia, Ciência da Informação, Museologia, Arquivologia, Educação, Linguística, Ciência da Computação e Filosofia da Ciência, citando algumas áreas, tendo em vista a necessidade de sistematizar (repertoriar) as informações, para qualquer atividade que demande uma determinada classificação, para uma organização temática (ou outra), dentro de acervos museológicos. Isso possibilita uma multiplicidade de abordagens concorrendo para uma discussão mais relacionada à área de organização do conhecimento a partir dos objetos etnográficos em questão. Isso levaria, certamente, a debates entre antropólogos e profissionais da museologia de diferentes campos temáticos, que vêm ao longo do tempo

recolocando essa mesma discussão sobre ‘classificação’ como uma necessidade básica para um entendimento e contextualização sobre os objetos etnográficos.

Nessa referida polêmica, amplamente conhecida, o antropólogo Otis Mason, então diretor do Museu Nacional dos EUA, enfatizava o que ele chamava de “conceito de classificação” e que estaria ancorado na ideia que “todos os que tentam classificar dados devem primeiro ter em mente certas noções, ideias ou características por meio das quais um objeto será separado do outro” (1982:8). Para Franz Boas, a organização dos objetos conforme a sua distribuição geográfica poderia levar a uma compreensão dos fenômenos e uma possível contextualização histórica e antropológica.

De acordo com Stocking Jr. não era exatamente esse o ponto central na discussão entre os dois pensadores, pois Franz Boas criticava as ferramentas conceituais sobre a classificação de objetos etnográficos. O debate, na realidade, se situava também no modo como Mason via a antropologia como disciplina (1982:12), diferentemente de Boas. Esse debate sobre as possibilidades de análise dos objetos etnográficos ainda permanece como tema de debate entre a antropologia e a museologia e esse debate se torna atual, sobretudo, com o advento das inúmeras e atuais tecnologias de informação

Desde o fim do século XIX, as coleções etnográficas são objeto de preocupação analítica², tanto por parte de antropólogos como por parte de museólogos. A classificação dos objetos (artefatos) a partir de categorias que consideravam o meio ambiente, a técnica e a forma, parte de duas formas de apreensão teórica: inicialmente sob uma perspectiva evolucionista, privilegiando os aspectos formais e funcionais do objeto; e outra que pretendia a um relativismo quando considerava a multiplicidade funcional. Essa segunda perspectiva, enfatizada, sobretudo, nos estudos de Clifford James (1985), de certa forma permitiu de desenhar uma estratégia metodológica que pudesse dar conta das possibilidades existentes no contexto atual, sendo inclusive percebido como laboratório no campo disciplinar de museologia.

Pressupõe-se, na maioria dos casos, a utilização de conceitos da Antropologia, a referência de campo, a pesquisa bibliográfica, e o acesso a técnicas documentais da museologia. Para a elaboração de um esquema conceitual metodológico, próprio para o campo de estudos de coleções etnográficas e da cultura material associada à prática da comunicação visual, coloca-se a necessidade de se operar com uma interdisciplinaridade (História, Ecologia, Museologia, etc.). Quanto às fontes para a pesquisa, há em disponibilidade (apesar das dificuldades de acesso e de falta de documentação científica de referência) uma série de catálogos e estudos específicos que processam desde uma identificação das peças até uma análise tecnológica, histórica e sociológica, necessárias para os produtos previstos nesse projeto.

Contextualizando a coleção etnográfica

As atividades na formação de uma coleção estão centradas na ‘coleta’ e muitas vezes sem um princípio que nortearia esse processo senão o da oportunidade. Quase todas as coleções etnográficas no país, que hoje fazem parte de museus, não se tem como muita clareza o princípio que se deu a formação desses acervos, e nem como foi efetivada a coleta dos objetos desses acervos museológicos. Lúcia Van Velthem & Berta Ribeiro (1992), discutem esses aspectos do colecionismo, e manifestam a necessidade de se entender melhor os princípios de uma hierarquia sobre o que deve ser coletado para uma coleção. Esse debate é polissêmico e amplo, também no campo da museologia, porém o que interessa aqui, é como esses acervos passam a fazer parte de um sistema de documentação e informação tendo em vista a possibilitar o acesso de pessoas a esses locais, em particular com a finalidade de compreensão maior, merecendo uma contextualização mais descritiva tal como preconizava Franz Boas nesse debate com Otis Mason.

A Coleção Etnográfica Carlos Estevão, a qual temos trabalhado³ nesses últimos 8 anos, é composta por mais de 3.000 objetos, sendo que cerca de 1.600 referem-se especificamente a um grupo significa-

tivo de povos indígenas. O museu onde se encontram tais coleções, torna-se um lugar de pesquisa no campo de estudos das coleções etnográficas na perspectiva colocada por Belk (1982) na qual assinala sobre as possibilidades de interpretações diversas e a possibilidade de juntar a esse acervo as peças etnográficas que se encontram em lugares distintos, resultando assim em um estudo sistemático de coleções etnográficas. Isso faz com que esse projeto, além de inovador quanto às possibilidades que se apresentam, possibilitou ampliar as potenciais parcerias com outros centros museológicos.

O estudo dos museus, objetos e coleções, cada vez mais, tem expressado a necessidade de um diálogo interdisciplinar, sobretudo com as questões referentes ao patrimônio cultural (material e imaterial). Nesse sentido, a cultura assume uma dimensão especial e central na compreensão das diversas linguagens que os indivíduos e grupos sociais desenvolvem na atualidade, exigindo um entendimento sobre o material e objetos etnográficos.

Esses objetos foram adquiridos entre os anos de 1908 a 1946 quando o pernambucano, advogado, poeta e naturalista Carlos Estevão de Oliveira trabalhou na região Amazônica, ocupando importantes cargos no Estado do Pará como promotor público em Alenquer, funcionário público em Belém, e por fim, Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, sendo esse último cargo o que ele exerceu até sua morte em junho de 1946. Esta coleção, que compreende objetos de 54 povos indígenas, mostra uma variedade de peças que faziam e fazem parte da vida cotidiana desses povos. As exposições permanentes e as diversas mostras itinerantes organizadas pelo Museu do Estado de Pernambuco indicam o quão importante é essa coleção pelo fato de podermos visualizar as riquezas, a vida, os costumes e a cultura material dos povos indígenas do Brasil.

O acervo da Coleção possui cerca de 546 peças de diversos grupos indígenas relacionados ao vestuário e adornos corporais. Dentre essas se encontram 111 exemplares pertencentes ao povo Urubu-Kaapor, do Maranhão, onde se podem ver os colares, as pulseiras, os diademas,

os cintos, os brincos e as acangataras, fabricados com os mais diversos materiais como dentes de animais, miçangas e penas de pássaros. Encontra-se ainda uma peça de vestuário feminino, proveniente do Rio Nhamundá, possivelmente do povo Hixkariana, confeccionada em fio de algodão tecida em miçangas, sementes e plumas de cerca de 25cm de comprimento e 39cm de largura. Entre os colares da coleção, vale destacar também aqueles provindos do povo Tükuna (da fronteira do Estado do Amazonas com o Peru) não só pela sua importância visual, mas pelos detalhes antropomorfos e zoomorfos esculpidos em carvão de tucumã que estes oferecem dos animais do cotidiano desse povo.

Os adornos corporais da coleção contêm um significativo valor religioso, como, por exemplo, as máscaras das danças da moça-nova entre os Tükuna. As máscaras cerimoniais, fabricadas com a entrecasca do tururi e decoradas com desenhos coloridos, estão associadas também aos objetos de produção de música, como os maracás, alguns deles, com desenhos em relevo, tambores, bastões-de-ritmos e cerimoniais talhados em diversos tipos de madeira, mostrando as pinturas geométricas, figuras e desenhos com inspiração mitológica.

Entre as peças de vestuário da coleção existem três curiosos estojos penianos feitos com folha de palmeira, possivelmente utilizados pelos Munduruku do Pará. Merece também destaque, um conjunto de pentes fabricados com dentes e espinhos de árvores, e adornados com penas, pertencentes aos índios Kaapor. Encontram-se ainda, na coleção, os carimbos com desenhos geométricos esculpidos em madeira utilizados para a realização de pinturas corporais durante os festivos provenientes dos Palikur do Amapá. A coleção contém também uma quantidade significativa de objetos da maloca, da casa e de uso doméstico retratando o dia-a-dia dos povos indígenas. Entre esses se destacam aqueles fabricados com diversos tipos de cipós e palhas (buriti, arumã, babaçu, enviras), com uma variedade de trançados, fornecendo uma ideia de praticidade e da destreza dos povos indígenas em confeccionar objetos funcionais e bonitos. As peças de cestaria podem ser agrupadas em três tipos: a) aqueles utilizados para o transporte da

mandioca, de uso cotidiano, esta sendo grande parte e fabricados com cipó aspiralado; b) os pequenos cestos de palhas de arumã com tampas possuindo desenhos e certamente utilizados para transporte de pequenos objetos, e por fim, c) os cestos utilizados em grandes viagens no interior da floresta. Entre esses, se encontra um lindo cesto medindo 43cm por 41cm trançado em sarja iniciado pelo fundo e preso às varretas flexíveis.

Entre os objetos de uso doméstico encontram-se as peças de cerâmicas decoradas, fabricadas com diferentes técnicas de cozimento em argila, destacando-se entre estas, as panelas e tigelas fabricadas pelos índios Apalaí do Pará, com 12cm de altura e 24cm de largura com um diâmetro de 9cm, com desenhos tanto na parte interna como externa. Entre os objetos de cerâmicas, encontram-se as figurinhas animais, certamente utilizadas em brincadeiras de crianças, que Carlos Estevão adquiriu em Porto Real do Colégio, possivelmente dos índios Kariri-Xocó.

As armas e os instrumentos de caça e pesca representam uma parte valiosa da coleção cujas peças somam 844 exemplares provenientes de diversos povos da Amazônia. O conjunto de flechas mostra a variedade de fabricação e a criatividade que pode ser visualizada nas pontas. Encontra-se na coleção uma machadinha de pedra completa e outros exemplares sem o cabo, todas elas de grupos indígenas do Pará. Os tacapes Kaiapó adornados com palhas de arumã representam uma singularidade uma vez que hoje não são mais fabricados desta forma. Ainda na coleção estão as zarabatanas e estojos com setas e até mesmo uma pequena jarra contendo curare, utilizado para passar nas pontas de flechas e setas de zarabatana.

Os instrumentos musicais e rituais da coleção possibilitam uma visualização da diversidade de materiais usados na fabricação (taquara, ossos e as cabaças) e os diversos instrumentos recorrentes nos mais diferentes grupos indígenas. Os maracás são um bom exemplo, pois existe uma grande variedade, tanto na forma como nos diversos conteúdos das cabaças, que emitem os sons. Entre os instrumentos de sopro

encontram-se as buzinas, apitos e os diversos tipos de flautas, destacando-se as flautas de pan e aquelas fabricadas com osso de animais, tanto com furos como aquelas cujos sons são obtidos pela grossura e comprimento dos tubos. Especificamente encontram-se as flautas Gorotire (Kaiapó). A coleção mostra algumas tornozeleiras feitas de sementes que emitem sons e que são acompanhadas pelos bastões-de-ritmos. Um antigo tambor Tükuna utilizado durante a festa da moça-nova encontra-se entre os instrumentos musicais da coleção.

Ainda entre esses objetos, encontra-se um número significativo de cachimbos provenientes de diversos povos indígenas, entre os quais, um conjunto de cinco cachimbos (campiô) trazidos de Brejos dos Padres (Pernambuco) onde estão localizados os índios Pankararu. Ainda desse povo encontra-se um bastão utilizado nos rituais – uma peça singular que merece ser destacada com desenhos em relevo da madeira mostrando o processo de metamorfose de um tipo de besouro.

A Coleção Etnográfica Carlos Estevão veio de Belém para o Museu do Estado de Pernambuco em 1947 e, desde então, tem sido continuamente exposta no próprio Museu como também tem participado de exposições itinerantes, nas quais o público tem acesso às informações e conhecimentos sobre os povos indígenas do Brasil. Carlos Estevão, durante suas visitas em Pernambuco, possibilitou que os Pankararu pudessem ser reconhecidos oficialmente através de suas observações e estudos, quando de sua estadia no Brejo dos Padres, município de Tacaratu.

Com relação ao acervo imagético da coleção, uma investigação nos permite dizer que as fotografias compreendem um número de cerca de mil imagens que chegaram ao MEPE, juntamente com a Coleção. Essas fotografias estão sendo trabalhadas sistematicamente desde 2005, quando se resolveu colocá-las em lugar apropriado. Karla Melanias em sua dissertação aponta que “praticamente não existe nenhuma informação sobre esse acervo fotográfico, especialmente porque desconhecemos até o presente momento qualquer fonte bibliográfica sobre essa coleção de fotografias” (2006:23) especificamente, encontrou-se

uma quantidade considerável de fotografias guardadas nas estantes da biblioteca do Museu. Pode-se de imediato perceber a riqueza de informações de uma visualidade etnográfica sobre os índios que registram diversos aspectos da cultura indígena em sua diversidade, e se mantêm observável em fragmentos de imagens até a atualidade.

Esse acervo não está microfilmado ou digitalizado, o estado físico dessas fotografias também não permitiria manipulá-las para um estudo mais detalhado. Outra questão relevante para a inicialização desta pesquisa, diz respeito à mencionada insuficiência de informações básicas sobre o acervo. Sequer tínhamos noção de sua totalidade e de seu conteúdo mais explicitamente, já que os documentos de papel da coleção não estão inventariados, classificados e catalogados. Primeiro, localizamos e reunimos com o auxílio de alguns funcionários do museu, todas as fotografias que faziam parte da Coleção Carlos Estevão, separando-as das demais fotografias do acervo do MEPE.

Trabalhando com essa coleção nesses anos ainda não se tem clareza a posição de Carlos Estevão de Oliveira com relação aos objetos. Sabe-se, através das anotações de sua filha Ligia Estevão, que havia um profundo interesse na conservação dos objetos da coleção. Pode-se perceber um Carlos Estevão obcecado pelos objetos, pela sua autenticidade e significado. Talvez se pode percebê-lo como alguém sempre à procura de novas aquisições. Também não podemos nos contentar em descrevê-lo simplesmente desse jeito, sem reduzir o que parece ter sido um interesse sincero e profundo aos povos indígenas, o que demonstra suas palavras em seu texto sobre “O Ossuário da Gruta do Padre” em que ele procura defender os interesses indígenas, nesse caso os Pankararu.

Na realidade, ao trabalhar com os objetos dessa coleção pode-se perceber que a atitude de Carlos Estevão no que diz respeito aos povos indígenas reflete claramente os interesses que moldaram coleções de objetos etnográficos no período vitoriano, no qual também o Museu Goeldi como um conjunto de instituições Museais lidavam da mesma forma. Na metade do século XX, alguns antropólogos (Athias

2007:40), assim como o público em geral, acreditam que os grupos indígenas estavam condenados ao desaparecimento. Darcy Ribeiro, em *Os Índios e a Civilização* (1996), tem essa mesma posição, e ele chega mesmo a enumerar esses grupos que desapareceriam. Povos indígenas são extintos e a invasão do homem ‘branco’ nas áreas indígenas provocam uma profunda transformação e rapidamente o estilo de vida indígena se dilui na sociedade regional. Nesse sentido, podemos ver Carlos Estevão com esse espírito vitoriano com um sentido muito forte de urgência: é preciso documentar as culturas indígenas ‘em perigo’, pois é dessa forma que se percebe a organização da coleção e os conjuntos de objetos que a coleção ressalta.

Atividades de pesquisa

Em fevereiro de 2009, deu-se o início a implementação do Projeto “Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira – memória, documentação e pesquisa” (CECEO); uma parceria da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com o Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), Sociedade dos Amigos do Museu do Estado de Pernambuco e financiada pela Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE). A proposta foi elaborada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (NEPE) do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM) da Universidade Federal de Pernambuco.

O projeto tem como principal propósito a revitalização e a divulgação do acervo da Coleção Etnográfica Carlos Estevão. Esse acervo contém objetos etnográficos e arqueológicos de diversos povos indígenas, além de um precioso conjunto de mais de mil fotografias sobre os povos indígenas de um período que vai 1909 a 1946, bem como, uma quantidade significativa de documentos que registram parte de uma prática etnológica da antropologia brasileira na primeira metade do século XX e o cotidiano e aspectos de vários povos indígenas do nordeste e norte do Brasil. Nessa documentação foram encontrados textos inéditos do etnólogo Curt Nimuendajú, juntamente com o fa-

moso “Mapa Etnolinguístico” (um dos originais) elaborado por ele e que pertence ao museu.

As atividades iniciais estiveram voltadas para a organização e digitalização das informações sobre cada uma dos objetos da coleção etnográfica. Em março de 2010 deu-se o início do processo de digitalização das fichas museológicas que continham informações dos objetos da totalidade do acervo, tal como haviam sido registradas durante os anos setenta, por Lígia Estevão. Foram encontrados registros museológicos de objetos referentes a 59 povos indígenas, bem como, a um grande número de material ainda sem identificação sobre o povo – o que fez dobrar o trabalho da equipe encarregada da digitalização.

Na informatização das informações das peças para um banco de dados *online* foi encontrado cerca de 2.001 peças. Desse total não estão diferenciados os pares e conjuntos, sendo os objetos contados enquanto unidade. Não estão incluídos nessa listagem os objetos dos povos que não constam na catalogação da museóloga Ivelise Rodrigues e Lígia Estevão, as responsáveis pela documentação e tombamento das peças, que trabalharam no MEPE, com atribuição específica para a descrição e preenchimentos das fichas da coleção. Durante o processo de fotografar os objetos da coleção foram incluídas algumas informações para completar a ficha museográfica.

Nesse processo, a equipe encarregada de organizar a digitalização das informações pode confirmar a existência de 126 variedades de objetos que fazem parte da coleção etnográfica, em sua maioria de material biológico, e que apresentam grande beleza e poder de comunicação e revelam a memória dos povos, remonta sua cultural material – um verdadeiro inventário da cultura de um povo e importante para compreensão de seu cotidiano. Esse rico material ainda poderá ser amplamente estudado e em alguns casos servir de apoio para atividades atuais de povos que estão revitalizando as suas práticas culturais. Numa segunda etapa desse processo de informatização, foi realizada a leitura e correções do material digitado.

Em junho teve início a realização do processo artístico de fotografar cada artefato da coleção. As fotos foram realizadas por Léo Caldas e Alexandre Belém, sob a supervisão de Geórgia Quintas. O objetivo principal da realização dessas fotos foi permitir a visualidade do objeto no museu virtual e o arquivo de uma imagem de boa qualidade das peças etnográficas, já que muitas delas se encontram em delicado estado de conservação.

No terceiro momento foi realizada a fotografia de todos os objetos etnográficos que se encontravam nas fichas museológicas da reserva técnica do museu. Para isso a equipe de fotografia trabalhou com dois fotógrafos e dois assistentes de pesquisa. Esse trabalho foi realizado em quase quatro meses, pois envolvia muitas atividades conjuntas tais como selecionar o objeto, realizar uma checagem com a descrição que havia sido digitalizada.

Durante esse momento foram encontradas fotos e informações dos artefatos dos povos indígenas dos estados do Nordeste, que foram em sua maioria coletados pelo Carlos Estevão na década de 1930. Entre eles os Tremembé de Almofala, Potiguara, Fulni-ô e Pankararu. Nesse acervo encontram-se imagens do cotidiano e retratos de vários povos indígenas do nordeste e do norte do Brasil, muitas dessas fotografias sem informação autoral e outras de autoria do etnólogo Curt Nimuendajú. Vale ressaltar que esse acervo não possui os negativos dessas fotografias. Certamente são fotografias que Carlos Estevão recebeu.

Além das fotos etnográficas, o acervo fotográfico da coleção apresenta um conjunto de fotos pessoais de Carlos Estevão e sua família. Para facilitar a identificação das fotografias foi criado, no portal do acervo fotográfico da Coleção, um blog com finalidade de trocar informações com os pesquisadores da área no Brasil e no exterior. Foram então disponibilizadas nesse blog cerca de 136 fotografias que careciam de informações mais detalhadas. Esse blog e a troca de informações com outros pesquisadores conseguiram identificar uma série de fotos que agora farão parte de uma publicação em parceria com o Museu do Índio, no Rio de Janeiro. Essas fotos são, principalmente,

as fotografias realizadas por Curt Nimuendajú durante sua viagem à região no ano de 1927, cujo relatório terá seu *fac-símile* publicado em uma das séries do Museu do Índio.

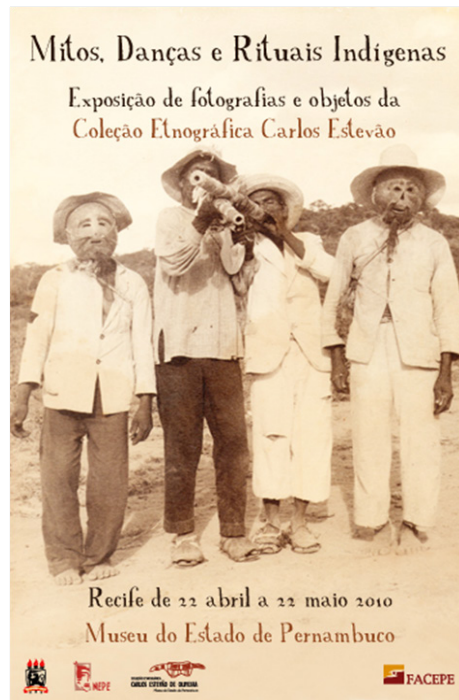
Em seguida, em janeiro de 2010, deu-se início ao trabalho de organização, catalogação e classificação do acervo documental. Realizou-se a classificação do acervo em três fundos documentais, Carlos Estevão de Oliveira (CEO), Curt Nimuendajú (CN) e Ligia Estevão (LE). Posteriormente foi realizado o arquivamento físico dos documentos da coleção na reserva técnica do MEPE, procurando condicioná-los em um modo e em local mais adequado para sua preservação. Os documentos foram arquivados seguindo a classificação feita para eles, onde foi distinguido a natureza, autoria e conteúdo de cada documento, proporcionando um melhor acesso à pesquisa e conhecimento sobre eles.

Entre as etapas do processo, foi intensificada a digitalização dos documentos relativos ao fundo documentais CEO e CN, resultando um total de 790 imagens. As atividades principais foram de organizar as imagens digitalizadas e selecioná-las segundo o sistema de catalogação acordado. Esta etapa de organização dos documentos digitalizados se encontra em andamento, assim como o processo de construção do catálogo, bem como o debate de como colocar essa documentação no museu virtual da Coleção Carlos Estevão de Oliveira.

José Reginaldo Gonçalves em seu livro *Antropologia dos Objetos: coleções, museu e patrimônio*, assinala para o fato de que acompanhando as narrativas e interpretações antropológicas resultados de uma análise sobre os objetos materiais pode-se perceber as mudanças nos paradigmas teóricos ao longo da história da antropologia, pois o “fazer antropológico sempre esteve imbricado à guarda, exposição e interpretação dos modos de classificar os objetos nos museus” (2007:15). Essa era a questão central no debate, acima referido, entre Otis Mason e Franz Boas. O que nos interessa aqui é levantar algumas questões que surgiram a partir da pesquisa que está sendo desenvolvida com coleções etnográficas em museus. Talvez aqui seria interessante destacar algumas referências sobre como a museologia percebe os ob-

jetos e a relação com o campo disciplinar da antropologia, que vai além da pesquisa documental sobre os objetos.

Na realidade, Boas estabelece os parâmetros iniciais para o desenvolvimento de uma pesquisa antropológica em museus, oferecendo a possibilidade de uma melhor contextualização das coleções e possibilitando um desenvolvimento sobre os povos e as culturas evitando a clássica distribuição tipológica dos objetos e criticando assim as perspectivas evolucionistas e difusionistas que não faziam nenhuma referência aos contextos social e político dos objetos.



No início dos anos trinta, os museus deixam de ser o lugar da produção antropológica (Stocking Jr 1998), e esses espaços são trocados por uma enorme guinada com relação à pesquisa antropológica que se desloca para os diversos lugares onde as populações em questão vivem.

A ‘pesquisa de campo’ torna-se uma das condições fundamentais para uma autoridade na pesquisa antropológica. Nesse sentido, os museus passam a ser um espaço apenas de representação e não mais um lugar de pesquisa. No final dos anos 1980, porém, vai acontecer uma reproximação da antropologia dos museus.

Sabe-se que um museu é um lugar especial para a produção e reprodução do conhecimento, tendo a ‘cultura material’, os objetos como instrumento de trabalho. Diante disso, se deveria ir além das exposições, buscando entender o conjunto dos objetos na coleção e, sobretudo, como esses objetos fazem parte da construção de uma identidade.

Como foi dito anteriormente, a CECEO é uma coleção etnográfica com objetos principalmente de grupos indígenas da Amazônia. No entanto, seu colecionador, Carlos Estevão, visitou vários povos indígenas dos estados do Nordeste, e, para nossa surpresa, a documentação sobre os objetos desses povos é muito escassa. Pode-se notar que, seja pela falta de informação, mas, sobretudo, por minimizar, como uma questão menor, esses objetos dos povos indígenas situados na região nordeste terão mais informações museológicas atualmente, principalmente pela pesquisas em andamento, completando assim as informações fornecidas pelo colecionador.



A exposição “Mitos, Danças e Rituais Indígenas” realizada no Museu do Estado de Pernambuco entre abril e maio de 2010 é um excelente exemplo de como resultados de uma pesquisa antropológica em acervos etnográficos pode ser traduzida em uma exposição, pois se procurou buscar um recorte onde a música e dança estivessem presentes no conjunto de objetos da exposição, mostrando a relação dos povos indígenas com práticas xamânicas, inclusive práticas atuais de pajelanças usadas nas comunidades indígenas atuais. Nessa exposição/installação procurou-se selecionar os objetos de usos de pajés e terapeutas tradicionais que interagissem com a música e as imagens fotográficas também registradas tanto pelo Curt Nimuendajú quanto por Carlos Estevão sobre as danças rituais, como a do Toré, e imagens onde os índios estão utilizando a bebida preparada para uso cerimonial, como os chás da Jurema. E isso só foi possível devido à pesquisa antropológica realizada com os objetos da CECEO.

Portanto, mostrar esses objetos da CECEO que têm uma relação com as práticas xamânicas atuais foi uma tentativa de representar os povos indígenas que estão vivendo em seus espaços territoriais, com os objetos da coleção coletados dezenas de anos atrás e que estavam em profunda consonância com as práticas tradicionais de cura atuais. Foi bastante interessante realizar esse recorte, em uma coleção imensa.

No processo de pesquisa, verificou-se que os búzios dos Fulni-ô, (instrumento musical – uma espécie de trompetes de madeira oca) da coleção estavam completamente deteriorados e que não mostravam a atualidade de um búzio e nem podiam ainda soar algum tom musical. Na ocasião, foi sugerido aos Fulni-ô que preparassem um novo par de búzios para a coleção. Realizamos o projeto e os búzios foram confeccionados. Na abertura da exposição um grupo de Fulni-ô esteve presente com suas músicas apropriadas usadas em rituais e os búzios deteriorados da exposição foram trocados pelos novos e deram à exposição a atualidade que se queria. Ao realizar essa exposição com esses objetos que foram recolhidos por Carlos Estevão no início do século passado, recortando aspectos bastante específicos de objetos

de usos xamânicos, mostrou-se a utilização atual desses objetos por parte dos próprios índios.

Essa exposição e o processo curatorial e de criação dos espaços positivos, relançam o importante debate metodológico iniciado por Franz Boas e Otis Mason no que se refere às questões antropológicas e à importância de tais estudos para uma compreensão maior dos objetos de uma coleção etnográfica. Certamente, quando Carlos Estevão iniciou a coleta de objetos para a coleção, ele não tinha em mente esse recorte e nem mesmo um interesse específico sobre esses aspectos das práticas xamânicas. Contudo, uma pesquisa antropológica pode realizar as diversas interfaces que os objetos de coleções permitem, desde que se tenha um amplo estudo antropológico sobre os mesmos.

Notas

¹ Uma versão desse texto foi publicada com o título de: “Os objetos, as coleções etnográficas e os museus”, na coletânea organizada por A. Barrio, A. Motta & M. Gomes e intitulada de *Inovação Cultural, Patrimônio e Educação*, publicada em 2011, pela editora Massangana.

² Importante debate sobre classificação de coleções etnográfica foi introduzido também por A. Damy & T. Hartmann (1986).

³ Este projeto, que discutimos aqui, obteve financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Pernambuco (FACEPE) e o apoio institucional da FUNDARPE.

Bibliografia

- ATHIAS, Renato. 2007. *A Noção de Identidade Étnica na Antropologia Brasileira*. Recife: Editora da UFPE.
- _____. 2003. *A Coleção Etnográfica Carlos Estevão do Oliveira, Acervo de Museu do Estado de Pernambuco*. São Paulo: Livro/MEPE, Banco Safra.
- BELK, R. 1982. “Acquiring, Possessing and Collecting: Fundamental Process in Consumer Behavior”. In BUSH, R.F. & HUNT, S. (eds.): *Marketing Theory Philosophy of Sciences Perspective*, pp. 155-190, Chicago: AMA.

- DAMY, A.S.A. & HARTMANN, T. (1986). "As coleções etnográficas do Museu Paulista: composição e história". *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, 31:220-272
- DOMINGUES-LOPES, R. de C. 2002. *Desvendando Significados: contextualizando a Coleção Etnográfica Xikrin do Catete*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA.
- DURAND, J-Y. 1999. "Este obscuro objeto do desejo etnográfico: o museu. *Etnográfica*, 11(2): 373-386.
- FARIA, L. C. 1959. *A Figura Humana na Arte dos Índios Karajá*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade do Brasil.
- FÊNELON-COSTA, M. H. 1978. *A Arte e o Artista na Sociedade Karajá*. Brasília: Fundação Nacional do Índio.
- KERSTEN, Márcia S. de A. & BONIN, Anamaria Aimoré. 2007. "Para pensar os museus, ou quem deve controlar a representação do significado dos outros?". *MUSAS- Revista Brasileira de Museus e Museologia*, 3:117-128.
- LIMA, T. A. 1986. "Cerâmica Indígena Brasileira". In: RIBEIRO, D. (ed.): *Suma Etnológica Brasileira*, pp. 59-72. Petrópolis: Vozes.
- LINHARES, A. M. A. 2004. *Os múltiplos contextos dos objetos indígenas: uma etnografia das bonecas de cerâmica Karajá*. Monografia de Graduação. Belém: UFPA.
- MOURA, R. T. 2001. "Levantamento e descrição de artefatos indígenas relacionados à pesca do acervo da reserva técnica Curt Nimuendajú". *Boletim do Museu Goeldi. Antropologia*, 17(2):100-121.
- RIBEIRO, Darcy. 1996. *Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RIBEIRO, Berta. 1988. *Dicionário de Artesanato Indígena*. Itatiaia: Edusp.
- ____ & VAN VELTHEM, Lúcia. 1992. "Coleções Etnográficas. Documentos materiais para a história indígena e da etnologia". In CARNEIRO DA CUNHA, M. (ed.): *História dos Índios no Brasil*, pp.***-***. São Paulo: Fapesp; Cia. das Letras/SMC.
- SHEETS-PYENSON, S. 1988. *Cathedrals of Science. The Development of Colonial Natural History Museums during the Late Nineteenth Century*. Montreal: McGill-Queen's University Press.
- STOCKING, George W. Jr. 1982. *A Franz Boas Reader: The Shaping of American Anthropology, 1883-1911*. Chicago: University of Chicago Press.
- STOCKING JR, George W. (ed.) 1985. *History of Anthropology. V. 3. Objects and others. Essay on museum and material culture*. Madison: University of Wisconsin Press.
- SÜSSEKIND, F. 1990. *O Brasil não é Longe Daqui – O Narrador, a Viagem*. São Paulo: Cia. das Letras.

- TORAL, A. A. 1992. "Pintura Corporal Karajá Contemporânea. In VIDAL, L. (ed.): *Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética*, pp. 191-208. São Paulo: Studio Nobel, Edusp/Fapesp.
- VALENTINI, Luísa. 2010. *Um Laboratório de Antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.
- VAN VELTHEM, L. H. 2002. "Coleções Etnográficas: pesquisa e formação documental". *Projeto de Pesquisa* – Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Abstract: The Ethnographic Collection of Carlos Estevão de Oliveira is a valuable collection of the State Museum of Pernambuco with more than 3,000 pieces acquired during the years 1908-1946 when the lawyer, poet and folklorist Carlos de Oliveira Estevão was in the Amazon region. The methodological strategy in implementing the preservation project of the ethnographic collection is supported by the utilization of the museum as part of an act of a communication and social and cultural construction, with a collection consisting of tangible and intangible assets that express and reflect the way of life socially created by human groups, embracing their values, motivations, thoughts and behaviors. This article seeks to discuss the relevance of anthropological research in ethnographic collections in museum institutions regarding documentation as research for the development of museographic exhibitions.

Keywords: Ethnographic Collections; Museum Studies; Anthropology of objects; exhibitions; Franz Boas; Otis Mason.

Recebido em janeiro de 2015.
Aprovado em novembro de 2015.